



A SAÍDA

Aconteceu às quatro da tarde. Em plena luz do dia. O menino estava lá, espichado como um gato, na cama em seu quarto.

Caderno e lápis na mão, estava inventando uma história, quando viu uma estranha criatura vestida de preto, que parecia ser a morte das histórias em quadrinhos e filmes de terror, pulando o portão da casa.

Estremeceu. Seus pais haviam saído e sua irmã ainda não voltara.

A criatura aproximava-se lentamente, parecia pairar sobre o ar e sua forma ficava cada vez mais nítida. Ela trajava um longo manto negro, com um capuz que lhe cobria o rosto. O cenário, que antes era claro e ensolarado, agora se encontrava escuro e nublado, como se todo o espaço da criatura e da casa tivessem ido parar em um universo próprio, como um sonho sem nitidez.

O garoto, que até então encarava assustado a criatura da janela do seu quarto, sem saber o que fazer, ouviu uma melodiosa voz ao longe. Parecia como o sussurro do vento, dentro da sua cabeça. Dizia ao garoto que estava tudo bem e pedia para que ele saísse de dentro da casa.

Mesmo temeroso, calçou suas pantufas vermelhas e desceu as escadas indo em direção à porta a qual abriu lentamente e saiu.

As pequenas pantufas já ficavam úmidas por caminharem na grama molhada. Mas, curiosamente, começou a observar detalhes do jardim que não havia reparado antes: o jardim da sua casa, que antes parecia tão bem cuidado, recebendo os cuidados diários da sua mãe, agora parecia abandonado, como se há muito tempo não fosse

tocado e cuidado. Enquanto se perguntava o que havia acontecido, algo a sua frente chamou sua atenção e o fez despertar de seus devaneios... A criatura havia retirado o capuz, revelando sua identidade.

Era uma jovem mulher. Possuía traços tão delicados que poderiam ter sido esculpidos à mão. Sua pele era extremamente pálida totalmente doentia, porém, por contradição, tinha uma boca vermelho sangue. Possuía longos cabelos brancos que lhe emolduravam o rosto e caíam em cascata até o meio de suas costas magras, tinha corpo esguio e pés descalços. Mas o que mais chamava atenção em sua beleza peculiar eram os olhos, negros e frios, porém não eram de uma frieza cruel, eram olhos que já haviam visto muito sofrimento e, aos poucos, foram perdendo o brilho.

A “criatura” deu um passo na direção do garoto, ao mesmo tempo em que este recuou dois... Ela então lançou lhe um olhar de compreensão e começou:

— Não se afaste pequena criança. Não lhe farei mal, vim apenas buscá-lo.

Percebendo o olhar de incompreensão do garoto, continuou: — Eu sou a morte. E vim levar você comigo.

O garoto que antes estava tomado pelo medo, neste momento, havia sido invadido por um novo sentimento: dúvida.

— Buscar a mim? Não estou morto! E você não pode ser a morte, é uma mulher!

Subitamente sentiu o medo invadi-lo novamente. Não poderia estar morto afinal. Poderia? Não, queria correr e acordar desse estranho pesadelo, mas a mulher, a sua frente, abriu um bondoso e triste sorriso.

— Ah meu caro, não acredite em tudo que lhe dizem por aí. Ao longo dos milênios, já tive várias formas e fui chamada de muitos nomes pelos homens. Porém, no final o sinônimo é sempre o mesmo: o fim — disse e soltou um longo suspiro. — E, quanto a você, não tenha medo. Sei que é difícil de entender ou mesmo aceitar, mas é a verdade. Neste momento, seu corpo está em uma cama de hospital, intubado e

eternamente adormecido, após sofrer um terrível acidente. Sua família o vela desde então, atormentada por uma expectativa de algo que nunca acontecerá.

Ela precisa de paz, minha criança, e você também.

A pequena alma desolada começou um contínuo derramar de lágrimas e, em meio aos soluços, gritava, buscando uma absolvição que não encontraria ali.

— Isso não pode ser verdade! Eu não quero morrer! Tenho tantas coisas para fazer. Tenho tantas memórias que não quero esquecer, tanto amor pra dar a minha família. Ainda tenho minhas coisas, meus brinquedos, minha bola, meus amigos, a escola, eu ainda quero viajar, eu quero ter uma profissão, quero crescer e me apaixonar, eu tenho muita coisa para fazer ainda!

A morte aproximou-se e levou sua mão ao lado da bochecha do garoto, mas ao invés do esperado toque frio, a pele era quente e tinha um toque acolhedor.

—Sei que é injusto, minha criança, mas é a realidade. Não fique tão triste. Isso tudo — a morte aponta para casa e aponta todo o espaço em volta deles — isso tudo é tão efêmero. O que carregamos na alma é o que prevalece: amores, dores, tristeza e lembranças, tudo isso é guardado e preservado, é a única coisa verdadeira e eterna. Ah, pequena criança, podem se passar anos ou vidas, a sociedade pode evoluir e mudar quanto for, mas, no final, o que é carregado na alma é que será lembrado e levado para a eternidade. “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, essa é a verdade mais pura; “nada se perde, tudo se transforma”.

O garoto que ainda usava as pequenas pantufas vermelhas assentiu com a cabeça, contudo não abriu sorriso algum, não era momento para fazer isso. Não podia dizer que se sentia aliviado, porém se sentia mais leve e embora não soubesse para onde iria ele se sentia mais calmo.

Pegando a mão da querida morte e secando por completo suas bochechas, os dois companheiros foram embora, rumo ao novo e ao desconhecido, desaparecendo na eternidade.

No dia seguinte, todos os jornais exibiam a mesma notícia: o menino que estava em coma, após ser vítima de uma bala perdida, há um ano, havia partido e finalmente poderiam descansar em paz.